

Gerald Thomas desmonta o mito de Carmem em peça inédita em SP

MARCO HENRIQUE VELOSO
Da Reportagem Local

CARMEM COM FILTRO 2 - Espetáculo escrito, dirigido e iluminado por Gerald Thomas. Com a Companhia de Ópera Seca. Duetto Produções. Teatro Ruth Escobar (r. dos Ingleses, 209, tel. 289-2358, Bela Vista, região central). De terça a domingo, às 21h30. Ingressos: Cr\$ 300,00 (de terça a quinta), Cr\$ 200,00 (classe, ClubeFolha e estudantes). Estréia hoje, às 21h30. Até 27 de maio.

Pela primeira vez em São Paulo, a peça "Carmem Com Filtro 2", de Gerald Thomas, 34, entra em cartaz hoje no teatro Ruth Escobar. O espetáculo foi criado há dois anos em Nova York, no teatro La MaMa. Em fevereiro e março do ano seguinte, "Carmem Com Filtro 2" foi apresentado no Rio de Janeiro, seguindo depois para o Festival de Viena, onde foi premiado como o melhor entre os 37 que participaram naquele ano. O espetáculo não é uma continuação de "Carmem Com Filtro", que o diretor montou em São Paulo há cerca de cinco anos.

"Carmem Com Filtro 2" é uma reversão absoluta no tratamento do mito de Carmem, personagem criada pelo escritor francês Prosper Mérimée (1803-1870), em 1845, e que, depois, protagonizou a ópera de Georges Bizet (1838-1875). A peça não tem a pretensão de repetir ou subverter a narrativa tal como criada pelo escritor ou pelo compositor. Quando muito, busca simplesmente evidenciar a inutilidade de qualquer uma. No entanto, ela fecha o foco, ainda mais do que o livro ou a ópera, sobre a figura de Carmem. Não para refazer o seu rosto romântico, mas para investigar e demonstrar a nulidade de sua alma.

Gerald Thomas não pensava em desmontar "Carmem 2", quando foi pego de surpresa pelo Plano Collor, que privou-o do patrocínio que seria dado pelo Banco do Brasil para seu novo projeto de montagem no Rio de Janeiro, "M.O.R.T.E.". Diante da nova conjuntura de dificuldades, ele se decidiu a vir para São Paulo e retomar um espetáculo ainda inacabado, mas que significou uma ruptura de sua trajetória, indo em direção ao teatro cômico. Em "Carmem 2", o humor está instalado no coração de uma nova linguagem teatral, paralela — porém não antagônica — àquela que inspirou espetáculos como "Praça" (parte da "Trilogia Kafka")



Lenise Pinheiro/Divulgação

ilustrada

Bete Coelho é Carmem na nova montagem de "Carmem Com Filtro 2", espetáculo de Gerald Thomas que estréia hoje em São Paulo

"Mattogrosso", marcada pela ausência quase total da palavra. No ano passado, pelo menos, Gerald Thomas não se recusou a olhar adiante as duas vertentes. Não, na verdade, diferentes desenvolvimentos de seu projeto de "ópera seca", assim denominado por prescindir da narrativa cantada.

Desse modo, Carmem sobe ao palco, interpretada por Bete Coelho, apenas para ser ridicularizada e desestruturada na sua tentativa sistemática de sedução. Não que os demais personagens

passem a peça toda humilhando-a ou soltando piadas a seu respeito. A lenda de Carmem é atacada pela destruição do sentido de sua crença. Gerald Thomas designa como "objetividade complicada" esse clima de graça absurda e calculada que percorre sua "contraversão" da paixão de Carmem. Não é caso para se pensar em uma linguagem incompreensível ou impenetrável, pois trata-se de seu avesso. Por exemplo: uma cena onde um personagem pede fogo a outro pode ser a sugestão da ocorrência de um

crime; a crucificação de um outro pode transformá-lo imediatamente no tribunal de seu assassino.

O elenco de "Carmem Com Filtro 2" é formado, basicamente, pelos atores da Companhia de Ópera Seca, dos quais se destacam Bete Coelho, 27, Edilson Botelho, 32, Luiz Damasceno, 49, Magali Biff, 32, e Marco Stocco, 39. A eles se juntou um grupo de quatro atores convidados, dos quais Mario César Camargo, 42, é o principal. O mais forte elenco de companhia do país, sua qualidade é reunir os mais diversos tipos de intérpretes,

da agressividade emocionada de Bete Coelho à técnica desesperada de Edilson Botelho.

O cenário de "Carmem Com Filtro 2" é a mesma biblioteca criada por Daniela Thomas para a "Trilogia Kafka". No entanto, na montagem paulista ela aparece semidestruída, depois de ter sido invadida por um grupo de bárbaros culturais. A trilha sonora do espetáculo também foi transformada, embora permaneça com o tema central, do compositor norte-americano Philip Glass, inspirado em Richard Wagner e batucada de escola de samba.

Montagem acrescenta cena de outra peça

Da Reportagem Local

A montagem paulista de "Carmem Com Filtro 2" apresenta uma série de novidades com relação às anteriores. Uma das principais é a inclusão da cena do "Tribunal de Soluções", originalmente criada para "Stuermenspiel", peça que Gerald Thomas dirigiu no início deste ano em Munique, na Alemanha. Essa passagem sintetiza a busca de uma linguagem teatral pré-verbal, já presente nos trabalhos anteriores, mas que agora passa a ser tematizada pelo próprio espetáculo. Dois atores que arrotam ininterruptamente se juntam a um grupo de seis que revezam na vez de solucionar, ao mesmo tempo que o outro com ânsia de vômito

clama pela polícia.

Mesmo assim, "Carmem Com Filtro 2" é um espetáculo repleto de referências à história da arte ou à filosofia. Em cena estão, por exemplo, a roda de Marcel Duchamp (1887-1964) — ou será a de Artur Bispo do Rosário? —, uma escultura decapitada com as linhas finas e sóbrias do suíço Alberto Giacometti (1901-1966) e a voz do ator italiano Alexandre Moissi, que trabalhou com Max Reinhardt (1873-1943), em interpretação do "Fausto", de Goethe, gravada em 1898. Não se tratam de citações, pois nunca chegam a exigir nenhum tipo de reconhecimento.

No caso da filosofia, Gerald Thomas chega a dizer que o espetáculo é um desenvolvimen-

to da polêmica entre os filósofos Bertrand Russell (1872-1970) e Ludwig Wittgenstein (1889-1951) sobre o mito grego de Helena. A simples tematização de Carmem já obrigatoriamente remeteria ao uso que Nietzsche (1844-1900) fez da ópera de Bizet, em sua guerra contra o romantismo decadente de Wagner (1813-1883). Ele chegou a escrever a propósito dessa peça: "É preciso meridionalizar a ópera". No entanto, Gerald não toma o partido de Nietzsche, pois, antes disso, recusa o conteúdo de verdade pretendido pelo mito de Carmem.

O que possibilita a Gerald Thomas o recurso não-erudito às referências culturais é a sua linha autoral de criação, em que o montador se coloca à altura do

comentado. Em outubro, Gerald retornará à Alemanha, onde dirigirá Bete Coelho numa montagem de "Hamlet" na qual ela atuará silenciada por uma tarja negra na boca. Em "Stuermenspiel", sua "contraversão" para "A Tempestade", de Shakespeare (1564-1616), Próspero, o herói da concórdia, já aparecia com face de demagogo.

Destruição de ídolos e criação de uma comunicação através de sugestões e insinuações são os dois lados do trabalho mais recente de Gerald Thomas. Ajudado pelas surpreendentes interpretações de Bete Coelho, ele tem podido aprofundar sua compreensão do teatro como lugar, por excelência, do incêndio da cultura.